

Adentrar cidades esplêndidas desejou o poeta Arthur Rimbaud (1854-1891) em seu poema de antecipação utópica, *Une Saison en Enfer*. Mesmo que não deixemos de ficar atentos aos conselhos do poeta de que somos seres que constroem e desejam cidades ideais ou imaginárias como são aquelas próprias das utopias, há outras cidades que se impõem ao nosso cotidiano. São as cidades movimentadas pelo desenfreado consumo, pela miséria dos *Homo Sacer* que nada possuem e não são nada perante a lei nem muito menos perante outros sujeitos que lhes são indiferentes. Na cidade também há fluxos de acontecimentos que, muitas vezes, passam despercebidos aos transeuntes. Estamos nos referindo àquelas vividos pela ebulição e adrenalina dos amantes. Aos das cafetinas e cafetões, que negociam sexo de prostitutas nas avenidas e nos bordéis; dos assaltantes que surgem como bichos-soltos para afugentarem a população; do pacto silencioso entre traficantes e usuários de drogas ilícitas; das sirenes tardias dos policiais; dos corruptos que fazem falcatruas com os bens públicos; daqueles que perambulam pelos bares e entoam solidões; dos enfermos que sofrem no interior dos hospitais, especialmente, os públicos; das crianças abandonadas nas ruas das grandes metrópoles, que paradoxalmente, apelam pela conservação de suas tradições e por um ambiente ecologicamente sustentável. Além desses fluxos, destacam-se ainda os da juventude criativa que se insurge a partir de acontecimentos periféricos na cidade. Basta que notemos as *tribos urbanas* advindas de movimentos musicais – destacadamente o *Hip Hop* – e da inserção no mundo das novas tecnologias. São os amantes das infovias e construtores de vínculos virtuais. Se com a mundialização de 1492 operada por Cristóvão Colombo, a humanidade estreitou laços entre nações e povos distintos, nas cibercidades da atualidade aproximamos distâncias e nos transportamos para continentes os mais diversos. Tornamo-nos simuladores de existência, o que não significa que vivamos na irrealidade, pois atualizamos fluxos de comunicação nos acontecimentos da imensa esfera conectada, que é a *WEB*.

A cidade é esse terreno, simultaneamente, fixo e móvel de nossas ações. Nela habitamos e configuramos formas. Estamos em meio a dilemas civilizatórios e não há garantias ou receitas de curto prazo para resolvê-los. Mas devemos ser otimistas, pois como diria Guimarães Rosa em *Grande Sertão Veredas*, o desafio não se coloca nem na partida nem na chegada, mas na travessia. E é para essa travessia que convidamos a você leitor, pois pensar cenários utópicos sobre as cidades no século XXI e no futuro, é o objetivo primordial do dossiê *Utopias Urbanas* desse número de *CRONOS*.

Alex Galeno e Homero Costa
Editores